

INTRODUÇÃO

Após a derrocada do Romantismo, no último quartel do século XIX, a poesia passou por uma espécie de crise: alguns indivíduos chegaram a decretar a sua morte e aqueles que buscaram para ela novas direções estéticas não constituíram um grupo uniforme, havendo diferentes sugestões de rumos poéticos. Dentre essas variadas e novas propostas poéticas, uma nos interessa em particular: a poética científica.

Caracterizada por Antonio Paim como uma arte "abertamente a serviço de suas idéias filosóficas" (1966, p. 26) e vinculada ao influxo do positivismo na literatura brasileira por Ivan Lins (1967), a poética científica surgiu no âmbito da Escola do Recife. Essa escola representou um movimento cultural de ampla repercussão que surgiu em Pernambuco, na segunda metade do século XIX, atingindo todos os setores da atividade artística e intelectual e constituindo-se um centro irradiador da doutrina positivista que, já na década de 60, logo após a morte de Comte, começava a penetrar no pensamento brasileiro.

A primeira defesa de uma poesia de caráter filosófico e científico (1), que fizesse oposição à poesia romântica, veio da parte de Sílvio Romero, com *A poesia dos harpejos poéticos*, publicada em 1870. Posteriormente, Rocha Lima deu continuidade à recusa da estética romântica e ao desejo de atualizar a poesia, que deveria corresponder ao "estado positivo" de então, em seu livro *Crítica e Literatura*, publicado em 1878; nesse mesmo ano, Sílvio Romero lançou um livro de versos, *Cantos do fim do século*, em cujo prefácio, aliás datado de 1873, continuou a defender a ligação da poesia com o pensamento filosófico da época. Mas foi somente com Martins Júnior, em 1883, que essa nova concepção poética ganhou mais fundamentação e forma, quando este escreveu o manifesto *A poesia científica*, cujas idéias já haviam sido em parte antecipadas no prefácio de seu livro de poesias *Visões de Hoje*.

Rocha Lima, Sílvio Romero e Martins Júnior, os principais defensores e teorizadores da poesia científica no nordeste Oitocentista, participaram, de alguma forma, da Faculdade de Direito do Recife, centro da Escola do Recife. Como Augusto dos Anjos aí estudou de 1903 a 1907, temos como certo seu contato com a ideologia positivista e com a poética científica, o que nos sugere a possibilidade de o poeta ter adotado tal estética de forma programática.

A POÉTICA CIENTÍFICA E A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Romero propôs que a nova poesia estivesse em consonância com "as luzes do seu tempo" (1878, p. XIX), pois a arte estaria totalmente sujeita à influência do meio em que se desenvolve, tendo "um caráter completamente contemporâneo da época em que apareceu" (p. X) - afirmação influenciada pelo determinismo positivista. Sendo as luzes do tempo de Romero positivistas, a poesia deveria, naturalmente, ligar-se a essa ideologia. Martins Júnior afirmou sobre a poesia científica que "ao período de ciência ou ao estado positivo a que chegaram hoje os povos do Ocidente (...) deve corresponder

nos domínios da Estética - a idealização dos fatos científicos e dos sentimentos filosóficos" (MARTINS JÚNIOR., 1883, p. 35).

Segundo a concepção de Martins Júnior, no espaço poético deveria haver a reconstituição da "fenomenalidade das coisas". Em outras palavras, ele considerou a poesia como mimesis, determinando que o universo poético recriaria o mundo, o qual, conforme a mentalidade positivista, não teria uma causa sagrada e nem possuiria um paralelo "ideal", mas seria somente concreto, fenomênico. Seguindo o raciocínio do autor, para que o poeta recriasse, eficientemente, o universo material de que fazemos parte, seria necessário "conhecer e apreciar os fenômenos e as suas relações constantes, que são as leis". Como naquela época a ciência era considerada o meio mais eficaz de conhecimento, por consequência, a poesia seria "obrigada a abeberar-se na ciência" (MARTINS JÚNIOR, 1883, p.68). É por isso que ele considerava indispensável ao vigor, ao robustecimento e até mesmo à sobrevivência da poesia, "a transfusão do sangue arterial, vermelho, rico, oxigenado, da Ciência no corpo franzino e lírio da Arte" (1883, p.72). A partir da perspectiva positivista, a realidade não era vista como uma criação divina, ou uma sombra imperfeita de um mundo ideal, mas como um conjunto de fenômenos que poderiam ser analisados, compreendidos racionalmente, e até mesmo previstos. Como a poesia foi considerada uma "imitação" fiel do mundo, ela teria, portanto, um compromisso com as descobertas científicas, e a função do poeta seria, partindo da natureza, "levantar uma obra de arte sobre os dados da observação" (ROMERO, 1978, p. 101).

Enfim, a principal característica da poética científica, que sofreu a influência do meio em que se desenvolveu, seria sua relação com noções filosóficas e conhecimentos científicos, expressando a ideologia positivista. A poesia devia estar conectada com seu contexto cultural, com a mentalidade e a ideologia da época, com a sociedade em que era produzida. Além disso, a poesia devia reconstituir o mundo fenomênico de forma realista, dependendo para isso dos conhecimentos científicos mais atualizados. Na poesia de Augusto dos Anjos encontramos, além de princípios científicos, noções características do positivismo em geral e também idéias específicas de alguns autores positivistas (2).

Uma das características do positivismo é a recusa da teologia (ciência do sobrenatural), do espiritualismo e da metafísica como métodos de conhecimento, porque esses recorrem a causas ou princípios não acessíveis ao método da ciência. O ataque a essas perspectivas pode ser encontrado frequentemente na poesia de Augusto dos Anjos (3). Vejamos, por exemplo, o soneto *Agonia de um Filósofo* (p. 201), em que se pretende demonstrar o fim iminente da filosofia metafísica e a inutilidade do conhecimento ou da explicação religiosa e mística do mundo.

Na primeira estrofe, o eu-lírico recorre, em vão, a sistemas religiosos e místicos na intenção de compreender o cosmos: consulto o Pthah-Hotep, livro egípcio de sabedoria; leio o (...)Rig- Veda, o primeiro dos quatro textos em sânscrito que formam a base do sistema de escrituras sagradas do hinduísmo. Contudo, esses sistemas não trazem explicações satisfatórias (leio o obsoleto / Rig-Veda. E, ante obras tais, me não consolo). A referência ao conceito de inconsciente (O Inconsciente me assombra e eu nele rolo) como algo que assusta mas ao mesmo tempo deslumbra, isto é, que se busca desvendar, igualmente nos indica que o autor refere-se, neste soneto, à falência da metafísica, pois segundo Abbagnano (2003) o inconsciente tornou-se elemento fundamental das concepções metafísicas a partir de Schelling.

Na segunda estrofe, o eu-lírico utiliza a filosofia de Anaximandro de Mileto, filósofo grego pré-socrático naturalista, para tentar compreender o cosmo. Segundo Anaximandro, a essência do mundo é um princípio divino: algo infinito - que não tem

limites espaciais - e indefinido - que é indeterminado qualitativamente -, indestrutível e imortal, que não tem fim nem início. Esse princípio divino a que se refere Anaximandro "abarca e circunda, governa e sustenta tudo, justamente porque, como de-limitação e de-terminação dele, todas as coisas dele se geram, nele con-sistindo e sendo" (REALE; ANTISERI, 1991, p. 32). Ora, se o mundo não difere de seu princípio ou essência, os fenômenos do solo citados pelo poeta também seriam divinos. Além disso, a filosofia de Anaximandro institui que "o mundo é constituído de contrários, que tendem a predominar um sobre o outro" (REALE; ANTISERI, 1991, p. 32), periodicamente se alternando - esse dualismo será igualmente contestado pelo eu-lírico, como comprovaremos mais à frente. Enfim, a verdade que supostamente existiria em tal sistema de base religiosa e dualista não passa de aparência, segundo o eu-lírico: todos os fenômenos do solo/ Parecem realizar (...) o ideal de Anaximandro.

Na terceira estrofe, o eu-lírico apela para a metafísica, na tentativa de esclarecer o universo: ele penetra no hipotético mundo das idéias e a ironia, freqüente na poesia de Augusto dos Anjos, se faz presente quando ele se refere a esse mundo como algo sagrado, religioso, dogmático (no hierático aeropago (4) heterogêneo / Das idéias, percorro). Neste local de reunião das idéias, o poeta investiga desde a alma dos homens - e aí o nome de Haeckel já antecipa a adesão ao pensamento desse filósofo - até a alma dos cenóbios (5) (percorro (...)) desde a alma de Haeckel à alma cenobial). Também é sugerida aí a unidade existente entre todos seres vivos (seres unicelulares, pluricelulares).

Ao fim do poema, o eu-lírico encontra o limite e a falência dessas perspectivas por ele utilizadas: nem a religião, nem o dualismo e nem a metafísica são capazes de explicar, de fato, os fenômenos do cosmos. Ora, Comte (1978) já repudiava, na lei dos três estados - ponto de partida de toda sua filosofia - a religião e a metafísica como formas de conhecimento. Em suma: a recusa dos sistemas religiosos e da metafísica como explicação de mundo é característica do positivismo. Mas se o eu-lírico recusa esses sistemas, qual filosofia ele adotará em substituição?

Então, após a falência das doutrinas religiosa, dualista e metafísica, a substância universal subjacente aos fenômenos terrestres é proclamada pelo poeta como uma forma válida de compreensão do mundo (Rasgo dos mundo o velário espesso; / e em tudo, igual a Goethe, reconheço / O império da substância universal!); esse posicionamento relaciona-se com o monismo materialista positivista de Haeckel - essa é a filosofia adotada, portanto. O monismo é uma doutrina que nega a dualidade do espírito e da matéria, ressaltando a unidade da natureza, formada por uma única substância; assim, não há o vazio e todo o cosmo apresenta unidade e uniformidade, estando todos os fenômenos concatenados de forma causal. Essa substância universal possui dois atributos ou propriedades fundamentais: "a matéria como substância extensa e infinita e o espírito (ou energia) como substância senciente e pensante" (HAECKEL apud REALE; ANTISERI, 1991, p. 336). A matéria e a força (ou espírito, ou energia) são atributos inseparáveis de uma mesma substância; uma mesma força primária e uma mesma matéria fundamental formam todas as manifestações da natureza orgânica e inorgânica. O espírito não é excluído, mas reduzido à materialidade - "em essência, os monistas materialistas alemães pretenderam decretar o triunfo definitivo do mecanismo biológico e, simultaneamente, a derrocada da concepção espiritualista e teleológica do homem e da natureza" (REALE; ANTISERI, 1991, p. 332). Em resumo, o universo, no qual espírito e matéria são unificados, possui uma essência universal: a substância, que é algo incognoscível em si mesmo, pois não é objeto da experiência, mas uma "conexão constante entre determinações simultaneamente dadas pela experiência" (ABBAGNANO, 2003).

Na poesia de Augusto dos Anjos, o destaque dado à morte apenas reflete a condição racional e científica com que o poeta encara o mundo, considerando a vida como pura materialidade, o que coincide com as idéias divulgadas pelo positivismo. Haeckel reduz a vida a um conjunto de fenômenos físico-químicos; Vogt julga ser a matéria eterna e indestrutível e as leis da natureza eternas e universais; Moleschott propõe uma "dessacralização dos valores tradicionais da religião em nome da sacralização da matéria e da vida", afirmando que nenhuma divindade realiza ação sobre a natureza e considerando a vida um processo contínuo de dissolução e regeneração: "a morte é a fonte da vida" e "a destruição serve de base para a construção" (apud REALE; ANTISERI, 1991, p. 333).

O poema *Mistérios de um Fósforo* (p. 304-306) desenvolve-se a partir do acendimento de um fósforo, que suscita a comparação desse processo à própria vida humana: é química, é física, é rápida e no fim apenas restam cinzas. O título do poema refere-se, portanto, aos "mistérios" da vida física mas também aos "mistérios" da razão humana, aludindo à afirmação de Moleschott de que "não há pensamento sem fósforo" (apud REALE; ANTISERI, 191, p. 333). Essa afirmação pode ser confirmada através da referência, presente na 5ª estrofe do poema, à aptidão humana de raciocinar: Raciocinar! Aziaga contingência! / Ser quadrúpede! Andar de quatro pés / É mais do que ser Cristo e ser Moisés / Porque é ser animal sem ter consciência. A razão, geralmente tida como responsável pela superioridade do homem em relação à natureza, pela definição de sua areté, é aqui rechaçada e considerada uma desvantagem; em contrapartida, a condição de irracionalidade e inconsciência dos animais é invejada. Isso ocorre porque é a racionalidade, o conhecimento científico da época positivista que proporciona a visão de que a vida é absolutamente material, de que nada há de sagrado ou teleológico na existência, adquirindo o homem a consciência da morte e da inexistência de uma sobrevivência espiritual, algo que os animais supostamente não possuem (a temática da morte será explorada no poema posteriormente). Além disso, nesse trecho há também a diminuição de importantes figuras cristãs (Cristo, Moisés), consideradas inferiores aos animais.

O vocábulo fósforo, portanto, apresenta dupla significação neste poema: o palito que se acende por meio de atrito ou fricção, e o elemento químico que compõe a racional vida humana que, por sua vez, relaciona-se inevitavelmente com o assunto morte. É assim que o eu-lírico, após acender aquele fósforo, se envolve num turbilhão de reflexões, de cismas filosóficas acerca da vida humana, na qual surgem visões fantasiosas, com as quais coopera o álcool por ele consumido (e exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres). A partir do apagamento do fósforo, surge a visão da morte: e o que depois fica e depois / Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois / Túmulos dentro de um carvão promíscuo. O poeta revela na morte do ser humano - indivíduo e ao mesmo tempo exemplar de sua espécie - o término de dois elementos: os sonhos particulares, da consciência individual, das tendências egoístas que priorizam o próprio indivíduo, seus juízos, sentimentos e necessidades, em detrimento de seus semelhantes; e os instintos altruístas, os projetos da espécie que, referindo-se à raça humana em geral, são supra-individuais e servem de base ao primeiro elemento individual (Dois [túmulos] são, porque um, certo, é do sonho assíduo / Que a individual psiquê humana tece e / O outro é o do sonho altruístico da espécie / Que é o substratum dos sonhos do indivíduo!). Vale lembrar que o termo altruísmo, cuja máxima fundamental é viver para os outros e cuja a ética é naturalista porque pretende promover o desenvolvimento dos instintos naturais que levam o indivíduo em direção aos outros, foi criado por Comte, em oposição a egoísmo.

Em suas divagações, o eu-lírico examina a origem da vida no planeta e sua procedência comum: E afogo mentalmente os olhos fundos / Na amorfia da cítula inicial, / De onde, por epigênese geral, / Todos os organismos são oriundos. Temos aí uma oposição à doutrina vitalista oitocentista que, ao considerar os fenômenos vitais irreduzíveis aos fenômenos físico-químicos, compreende que a vida sobre a terra é fruto de um plano providencial ou de uma criação divina. O recurso a termos técnico-científicos explicita a estreita relação da poesia de Augusto dos Anjos com o pensamento científico: o termo epigênese, por exemplo, foi criado por Wolff no século XVIII para denominar sua teoria de que os órgãos de um ser vivo originam-se de uma matéria indiferenciada, contrapondo-se à teoria do preformismo, que afirmava estarem esses órgãos preformados no óvulo ou no embrião. Segundo a teoria da epigênese, os seres se formariam por gerações graduais, desenvolvendo-se o embrião a partir de um zigoto (célula resultante da união do gameta masculino com o feminino) amorfo ou indiferenciado. O poeta, portanto, compreende o mundo a partir de uma visão científica. Então, o eu-lírico passa a discorrer sobre a vida humana, especificamente. Segundo ele, a vida do homem não possui uma finalidade e se resume ao seu nascimento, ao seu ulterior desenvolvimento de acordo com a determinação imposta pelo ambiente em que se encontra - tropismo (Zooplasma pequeníssimo e plebeu, / de onde o desprotegido homem nasceu / para a fatalidade dos tropismos), e, por fim, à sua morte, que o reduz a pó (Depois, é o céu abscondito do Nada, / É este ato extraordinário de morrer (...)) Um dia restará, na terra instável, / De minha antropocêntrica matéria / Numa côncava xícara funérea / Uma colher de cinza miserável!).

Daí surge a consciência da fragilidade e da efemeridade da vida, que o eu-lírico julga possuir de forma superior em relação aos outros homens (vejo, como nunca outro homem viu); ora, é uma novidade a percepção do mundo sob a ótica científica, na poesia. Ele percebe já no processo de geração de um ser humano o fim a que esse se destina, isto é, a morte (vejo (...) na anfigonia que me produziu / Nonilhões de moléculas de esterco; (...) cinza fetal). A vida é por ele definida como algo químico, singelo, fragmentário (migalha de albumina semifluida), sem valor absoluto no contexto do cosmo; é ordinária, insignificante, barata, uma unidade orgânica diminuta e muito simples (vida, mônada vil, cósmico zero). É interessante notar que quando o poeta afirma que basta um fósforo só para revelar a corrupção física a que todos os seres vivos estão destinados, ele se refere ao acender do palito de fósforo ocorrido no início do poemas, mas também à razão humana (Vida (...) Teus gineceus prolíficos envolvem / cinza fetal!... Basta um fósforo só / para mostrar a incógnita de pó, / em que todos os seres se resolvem!).

Tais reflexões, suscitadas pelo raciocínio, por sua vez ocasionado pela presença de fósforo no cérebro, trouxeram consigo sensações incômodas e desagradáveis, sempre expressas de forma concreta: o eu-lírico supõe possuir objetos pontiagudos atravessados em seus olhos (Abro na treva os olhos quase cegos. / Que mão sinistra e desgraçada encheu / Os olhos tristes que meu Pai me deu / De alfinetes, de agulhas e de pregos?!); sente o corpo pesado (pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis); percebe a excitação de todos os seus nervos (Dentro um dínamo déspota, sozinho, / Sob a morfologia de um moinho, / Move todos os meus nervos vibráteis); deixa-se dominar pelo medo (Então, do meu espírito, em segredo, / Se escapa, dentre as tenebras, muito alto, / Na síntese acrobática de um salto, / O espectro angulosíssimo do Medo!).

O motivo da morte relaciona-se à questão da imortalidade da alma. No contexto do evolucionismo materialista alemão, Buchner assegura ser a alma apenas "o efeito do concurso de muitas substâncias dotadas de qualidade e força" (apud REALE; ANTISERI, 1991, p. 335). Vogt, semelhantemente, afirma que a alma ou as atividades

psíquicas são apenas funções do cérebro e que "os pensamentos se encontram na mesma relação com o cérebro que a bÍlis com o fÍgado ou a urina com os rins" (apud REALE; ANTISERI, 1991, p. 334). Igualmente, para Haeckel "é inconcebÍvel uma vida espiritual sem cérebro" (1989, p. 64): as funções cerebrais só funcionam a partir da ação de seus órgãos promotores, sendo aniquiladas se esses forem destruídos. EnfÍm, o positivismo alemão é materialista e refuta a imortalidade da alma (isto é, a consciência e os pensamentos humanos), sua existência imaterial e independente do corpo, pois a atividade espiritual humana depende estritamente da matéria, ou seja, do organismo, do sistema nervoso ou do cérebro.

Assim, se a morte não é, no contexto poético de Augusto dos Anjos, algo transcendente, independentemente espiritual, ela reduz-se aos processos físico-químicos de decomposição material, como podemos observar em Apóstrofe à Carne (p. 312). O título do soneto (apóstrofe) indica que o poeta realizou uma interrupção súbita do discurso reflexivo desenvolvido nos dois primeiros quartetos para, a partir do primeiro terceto, dirigir-se a alguém ou a algo, real ou fictício, nesse caso à carne. Sua reflexão inicial concerne à condição física humana e seu término: quando eu pego nas carnes de meu rosto, / pressinto o fim da orgânica batalha: / - Olhos que o húmus necrófago estraçalha, / Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto... (...) o Homem (...) desagrega-se e deixa na mortalha / O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto. Em seguida, ele designa a carne a que se dirige como um feixe de mônadas bastardas. Mônada é uma partícula metafísica invisível, regida por uma harmonia preestabelecida e guiada por inteligência divina, que designa a unidade espiritual do universo; ora, não há nada de metafísico ou espiritual na destruição da carne. Por isso ele diz, superando esse conceito espiritualista de Leibniz, mônadas bastardas, isto é, degeneradas, modificadas.

Ao afirmar que a carne brilha em fogo (carne,...) conquanto em flámeo fogo efêmero ardas, a dardejar relampejantes brilhos) o leitor desavisado, que desconhece a relação da poesia de Augusto dos Anjos com o pensamento positivista, poderia pensar que o poeta está se referindo à alma em que brilha a luz divina e que resiste à morte do corpo.

Entretanto, tendo em vista que a existência de uma alma imortal é refutada neste contexto, deduzimos que o poeta refere-se, em verdade, ironicamente, ao fenômeno do fogo-fátuo, isto é, à luz que aparece à noite, geralmente emanada de terrenos pantanosos ou de sepulturas, devido à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas.

O poeta conclui sua apóstrofe sem refutar a idéia de que o homem possua uma alma ou espírito - reduzido pelo Positivismo à consciência - mas limitando-o ao seu corpo físico: não pode haver espírito sem corpo. Portanto, a podridão, por mais desagradável que possa ser, é a única coisa que resta ao fim da vida, a herança que ele deve deixar aos filhos: dói-me ver, muito embora a alma te acenda, / Em tua podridão a herança horrenda, / Que eu tenho de deixar para os meus filhos.

A doutrina do transformismo biológico, que trouxe o conhecimento de que toda a vida do nosso planeta se desenvolveu a partir de uma origem única e de que o homem, portanto, descende de organismos inferiores e tem um parentesco muito próximo com os primatas, transformou a imagem que o homem tinha de si mesmo. Ele deixou de ser uma criatura especial, superior, uma criação divina eleita para dominar a natureza, e passou a ser visto como apenas mais um animal, submetido a seu corpo, aos seus instintos, sem alma, mortal. O homem perdeu a posição privilegiada e hierarquicamente superior que experimentava dentro do contexto antropocêntrico e religioso para se reencontrar, em condição de igualdade, com a natureza - dessacralização do homem.

Essas idéias podem ser observadas, por exemplo, em Os Doentes (p. 236-249), quando o poeta refere-se ao parentesco entre o homem e os macacos, e à idéia de que a vida

(inclusive a humana) se desenvolveu a partir de organismo muito simples: Descender dos macacos catarríneos (6) (...) Era (...) Um velhíssimo instinto atávico, era / A saudade inconsciente da monera (7) / Que havia sido minha mãe antiga!).

Em Gemidos de Arte e À Mesa, também surge a aproximação entre humanos e animais, quando o poeta trata da ingestão de carne feita pelo homem, considerando-a um tipo de canibalismo, visto que os animais são seus semelhantes:

Alimentar-se dos irmãos defuntos,
Chupar os ossos das alimarias! (grifo nosso, Gemidos de Arte, p. 262)

Rodeado pelas moscas repugnantes,
Para comer meus próprios semelhantes
Eis-me sentado à mesa! (grifo nosso, À Mesa, p. 346)

A ruptura do antropocentrismo e até mesmo a representação negativa do homem, fazendo oposição ao ponto de vista religioso e não-monista, também podem ser notadas em Homo Infimus (p. 332). O homem constitui-se apenas de carne, reduz-se ao seu corpo físico, não possuindo uma alma divina (homem, carne sem luz); não domina a natureza nem é capaz de, através da razão, decifrar todos os enigmas do universo (criatura cega); afinal, é um ser miserável, infeliz, amaldiçoado, repudiado (realidade geográfica infeliz, / O Universo calado te renega / E a tua própria boca te maldiz). Ele apresenta-se como um ser dividido pelos dualismos, afligido e agoniado pelas oposições, empenhado em decifrar a aparente pluralidade dos fenômenos (o nômene e o fenômeno, o alfa e o ômega / Amarguram-te); está destinado ao desaparecimento, ao apodrecimento, mas não detém a consciência desse processo, sendo encarcerado pela alegria da ingenuidade (hebdômadas hostis / Passam... teu coração se desagrega, / Sangram-te os olhos e, entretanto, ris). Ele não é um filho de Deus, que pode absolvê-lo do de seus pecados, não foi gerado com uma certa finalidade, mas sua existência não tem razão de ser (fruto injustificável dentre os frutos); não foi moldado pelas mãos divinas a partir do barro mas é caracterizado ironicamente como um montão de estercorária argila preta, / Excrescência de terra singular. Amaldiçoado dessa maneira, a ele não é reservado o "Reino dos Céus", a ventura, a felicidade, mas o sofrimento, pura e simplesmente (deixa a tua alegria aos seres brutos, / Porque, na superfície do planeta, / Tu só tens um direito: - o de chorar). Ora, o positivismo caracterizou-se pela supervalorização da ciência, considerada a única forma de conhecimento, a única moral, a única religião possível, sendo nela depositada uma confiança ilimitada e acrítica. A poética científica, considerada mimética, deveria representar o mundo, recriando-o de forma realista, através dos conhecimentos científicos. A simples observação da realidade, sem idealizá-la, foi defendida por Romero, que recusou a teologia e a metafísica na composição das poesias - posição positivista por excelência. O realismo como um procedimento ou tendência artística se fez presente na obra de diversos autores ao longo da história caracterizando-se pela pintura objetiva da realidade: "ele existe sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar que a verdade dite a forma, e subordinar os sonhos ao real" (COUTINHO, 1969, p. 186). O realismo contrapõe-se ao idealismo, pois não figura a realidade como deveria ser, mas opta pelos fatos, encarando-os tais como na realidade são. Neste sentido, podemos afirmar que a poética científica foi realista.

O realismo figura então, na poesia de Augusto dos Anjos, no modo de representar o mundo material, encarando os fatos, eliminando as divindades ou essências para se concentrar na retratação do mundo concreto, apresentado sob o ponto de vista

positivista, naturalista, materialista e científico. Há uma visão realista sempre que o poeta encara o mundo, a vida ou as coisas em geral de forma material, e essa é uma característica geral de sua obra.

Em teoria, Romero ressaltou que não defendia o didatismo poético e que era contra "a metrificação das noções científicas" (1878, p. XXI), considerando esta "a morte da imaginação" e "um erro de psicologia" (p. XXII), pois a única coisa que a ciência poderia conceder à poesia era a "intuição do mundo e da humanidade" (p. XXII). O poeta deveria inspirar-se nas idéias científicas e filosóficas de seu tempo, não com o objetivo didático de ensinar, nem com o objetivo científico de dar demonstrações, mas "para elevar o belo com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas, além das miragens da ilusão" (1878, p. XXII). Para Martins Júnior, que teoricamente também recusou o didatismo, o discurso poético não era igual ao científico, apesar de receber influxos da ciência; ele deveria alimentar-se dos sentimentos filosóficos da época, mas sem pretender realizar um tratado sobre "uma ciência particular ou uma ordem de conhecimentos especiais" (1883, p. 39).

Com o objetivo de evitar o didatismo, a poética científica prezou o cultivo das especificidades da atividade poética, tida como lírica: a expressão dos sentimentos e emoções do eu-lírico, a atuação da imaginação ou idealização. Porém, os sentimentos presentes na poesia científica deveriam acompanhar o desenvolvimento da intelectualidade do oitocentos: Rocha Lima afirmou que a todo estado mental corresponderia um estado emocional, e Martins Júnior pronunciou-se a favor de uma nova fórmula poética, "em nome da evolução do sentimento, concomitante da evolução da inteligência" (1883, p. 28), em que os sentimentos presentes seriam "científicos", "nascidos da difusão das ciências", correspondentes às idéias também daí nascidas. A emocionalidade representada na poesia de Augusto dos Anjos também não é independente, mas corresponde à mentalidade positivista, é produzida pela ação das idéias científicas e filosóficas de então. Além disso, há um equilíbrio entre a figuração de idéias e a expressão dos sentimentos provocados por elas, não se tornando sua poesia um tratado filosófico ou científico escrito em versos, nem um derramamento sentimental absolutamente subjetivo.

As idéias científico-filosóficas presentes em sua poesia promovem a percepção de que a vida reduz-se à materialidade, não possuindo uma finalidade e tendo como destino final a morte, caracterizada como a corrupção do corpo físico que não permite a sobrevivência espiritual. Tal entendimento provoca sentimentos negativos e um certo descontrole emocional, como podemos observar em *Alucinação à Beira-Mar* (p. 278). O eu-lírico sabe que sua morte é inevitável e definitiva, visto que não há imortalidade pessoal, mas preocupa-se com isso, temendo-a (um medo de morrer meus pés esfriava. (...) aquela matemática da Morte / Com seus números negros, me assombrava) e, observando as ondas que batem na praia (a equórea coorte / Atordoadoramente ribombava!), ele pensa nesse assunto (cismava em meu Destino). Refere-se a si próprio como um ególatra, pois a preocupação com a própria morte provoca o culto de si próprio (o que não é rejeitado pelos positivistas), e um céptico, isto é, uma pessoa sem crenças (consequência da mentalidade positivista). Influenciado por esses pensamentos desagradáveis, descontrolado, tomado pelo medo, ele chega a estender a visão que tem de si mesmo aos seres marinhos - o que pode ser considerado consequência da egolatria -; ele tem alucinações, tomando as ondas por convulsões e esses seres por cadáveres, vítimas da mesma ameaça que a ele se impõe: a morte (a alga usufrutuária dos oceanos / E os malacopterígio subaquianos / No eterno horror das convulsões marítimas / Pareciam também corpos de vítimas / Condenadas à Morte, assim como eu!).

Encontramos uma situação semelhante em Poema Negro (p. 286-289). O eu-lírico tenta utilizar o estudo e o conhecimento para se sentir melhor mas tal prática, ao contrário, destrói suas ilusões, traz uma visão crua da realidade que não é nada agradável (para iludir minha desgraça, estudo. / Intimamente, sei que não me iludo), e também provoca tristeza, indiferença, indolência (Nos meus olhares fúnebres, carrego / A indiferença estúpida de um cego / E o ar indolente de um chinês idiota!). O estudo não responde a tudo - essa é a relatividade do conhecimento propalada pelo positivismo (- Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?). O desenvolvimento tecnológico e científico gera preocupação e incerteza com relação ao porvir, o que já parece não condizer com a atitude positivista, que exhibe um otimismo com relação ao progresso e ao futuro (A passagem dos séculos me assombra. / Para onde irá correndo minha sombra / Nesse cavalo de eletricidade?!). A consideração da morte material e da não existência da imortalidade da alma, mais uma vez, traz angústia e descontrole emocional: Em vão com o grito do meu peito impreco! / Eu torço os braços, numa angústia douda / E muita vez, à meia-noite, rio / Sinistramente, vendo o verme frio / Que há de comer a minha carne toda!

A partir desses pensamentos, dessas idéias (nesta sombria análise das cousas, / Corro), o eu-lírico começa a alucinar. Imagina-se analisando cadáveres (arranco os cadáveres das lousas / E as suas partes podres examino); fantasia que está morto e enterrado (surpreendo-me, sozinho, numa cova. / Então meu desvario de renova... / Como que, abrindo todos os jazigos, / A Morte, em trajes pretos e amarelos, / Levanta contra mim grandes cutelos / E as baionetas dos dragões antigos!). Sonha que está em Roma, na Sexta-feira Santa (súbito outra visão negra me espanta! / Estou em Roma. É Sexta-feira Santa), presenciando a morte de Jesus (com as longas fardas rubras, os soldados / Guardam o corpo do Divino Mestre. (...) De Jesus Cristo resta unicamente / Um esqueleto). Neste delírio, são expressos seus sentimentos: A desagregação de minha Idéia / Aumenta. Como as chagas da morfêia, / O medo, desalento e o desconforto / Paralisam-me os círculos motores. (...) Na agonia de tantos pesadelos / Uma dor bruta puxa-me os cabelos.). Ao fim do poema, há a revelação de que as visões anteriores eram apenas fruto da imaginação do eu-lírico, que encontra-se dentro de sua própria casa; são inconfundíveis, portanto, a realidade (o fato de ele estar em casa) e a idealização que age no âmbito da subjetividade do poeta, facultando alucinações (Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme. / Eu, somente eu, com a minha dor enorme / Os olhos ensangüentados na vigília! / E observo, enquanto o horror me corta a fala, / O aspecto sepulcral da austera sala / E a impassibilidade da mobília.).

A consciência da condição humana, vista pelo ângulo científico, e da finitude da vida material conferem visões atormentadas ao eu-lírico. Na poesia de Augusto dos Anjos encontramos um influxo recíproco entre o mundo exterior, objetivo, natural, empírico - visto sob uma ótica realista, através dos conhecimentos positivistas - e o mundo interior, subjetivo, abstrato, ideal, imaginativo: observar o exterior a partir dos conhecimentos positivistas provoca na dimensão interior sentimentos, sensações e pensamentos que, por sua vez, provocam alterações temporárias na forma de ver o exterior - essa é a dinâmica interno/externo da obra de Augusto dos Anjos, a síntese "complexa, bilateral, transformista", proferida por Romero. Esse autor evitou assumir uma posição radical ao recomendar a adoção, pela literatura, da configuração da ciência, defendendo uma associação entre exterioridade/objetivismo e interioridade/subjetivismo:

a evolução transformista (...) habilita-nos a formular a síntese do universo e da humanidade, síntese que não é puramente objetiva, como quiseram sempre os empiristas de todos os tempos, nem exclusivamente subjetiva, como sempre declamaram os

idealistas de todas as épocas. A síntese é complexa, bilateral, transformista em totalidade, não só dos elementos ideais e abstratos, como dos naturais e empíricos. Essa é a intuição atual da ciência. A literatura deve apoderar-se dela para ter a nota de seu tempo (ROMERO, 1978, p. 100).

Essa atitude realista adotada pela poesia científica não se propunha simplesmente a imitar a vida real, encarada "de maneira objetiva, fotográfica, documental, sem participação do subjetivismo do artista" (grifo nosso, COUTINHO, 1969, p. 185), mas buscava um equilíbrio entre a representação do mundo real, verdadeiro e exterior, visto sob a ótica da ciência e filosofia positivas, e a figuração da subjetividade do poeta. Os sentimentos de simpatia e amor social citados por Martins Júnior como adequados à poesia científica também podem ser encontrados em Augusto dos Anjos. O sentimento de amor social, que corresponderia ao conceito de altruísmo elaborado por Comte, é aquele direcionado ao próximo, à comunidade, caracterizando-se pela solidariedade e concórdia dos indivíduos. O sentimento de simpatia indica o compartilhar de emoções comuns entre indivíduos humanos; Adam Smith a considera como base da vida moral e a define como "a faculdade de participar das emoções de outrem, sejam elas quais forem" (apud ABBAGNANO, 2003, p. 901). Na poesia de Augusto dos Anjos ocorre mesmo uma fusão emotiva, uma completa identificação de emoções; contudo, esse sentimento de simpatia não atinge apenas seres humanos, mas se estende ao cosmos em geral, a animais, plantas, minerais, etc. Em *Vox Vitimae* (p. 364), o poeta assume o discurso e as sensações de uma vítima de assassinato. Em *O Sarcófago* (p. 325), ele ouve o soluçante brado / De dor profunda, acérrima e latente, / Que o sarcófago, ereto e imóvel, sente / Em sua própria sombra sepultado. Em *O Corrupção* (p. 274) o poeta identifica-se com um pássaro prisioneiro e triste, analisando os sentimentos do animal. De acordo com a poética científica, a poesia não deveria ser um produto da inspiração individual, uma forma fútil de entretenimento, em que o plano da expressão ganhasse mais importância que o plano do conteúdo; ela deveria ter um papel "eminentemente útil, construtor filosófico" (MARTINS JÚNIOR, 1883, p. 31), relembrar o homem das batalhas intelectuais, políticas e sociais de seu tempo. Para isso, seria necessário que tal poesia discutisse as idéias filosófico-científicas, políticas e sociais de seu tempo, relacionando-se com seu contexto histórico de forma crítica.

A conexão com o contexto sócio-cultural apreendido pela poética científica figura na poesia de Augusto dos Anjos através das críticas sociais. Essas críticas partem de uma moral positivista, baseando-se no sentimento de amor e simpatia social. O poema *Os Doentes* (p. 236-249) é rico em críticas sociais, contendo referências às situações do indígenas, das prostitutas, dos negros, dos pobres.

A referência a cadáveres indígenas (fedida a carcaça esquecida de um selvagem) indica que o destino dos índios foi a morte, provocada pelo encontro com a "civilização"; note-se o sarcasmo presente na referência a Colombo como gênio, ao desrespeitar o indígena, cuspiando em sua cova (o gênio de Colombo manchou de opróbrios a alma do mazombo, cuspiu na cova do morubixaba). Os homens brancos, caracterizados como étnica escória, trouxeram para a cultura indígena a civilização, o progresso, que é definido como algo que ofende e ridiculariza, um achincalhamento, pois não era algo inclusivo, mas anulava [o índio] na crítica da História como um sujeito participativo; a história do descobrimento do Brasil oculta o extermínio dos indígenas, que são retirados desse discurso. Assim, restou para essa civilização nativa a marginalização e a destruição: viu toda a podridão de sua raça na tumba de Iracema. O termo Iracema, além de ser irônico, nos indica a oposição dessa poesia à estética romântica, no que tange à sua visão crítica sobre os índios, e a censura ao indianismo romântico. O poeta, com

bastante discernimento, afirma que o resultado desse embate foi somente a caveira abandonada de uma raça esmagada pelo Europa.

Com relação à prostituição, o eu-lírico refere-se à questão sanitária, denunciando a esterilidade provocada por doenças sexualmente transmissíveis: Entanto, virgem fostes e, quando o éreis, / Não tínheis ainda essa erupção cutânea, / Nem tínheis, vítima última da insânia, / Duas mamárias glândulas estéreis! Há também a acusação de que a pobreza leva à prostituição: Talvez tivésseis fome, e as mãos, embalde, / Estendestes ao mundo, até que, à-toa, / Fostes vender a virginal coroa / Ao primeiro brandido do arrabalde.

A escravidão, caracterizada como o conturbérnio diário das quitandas a que a raça negra é atirada, da mesma forma é criticada neste poema: as condições precárias de vida dos escravos, os estupros sofridos pelas negras (escaveiradíssimas figuras das negras desonradas pelo brancos). Nesse ponto, o poeta também acusa o Deus cristão por permitir tal atrocidade (Eu maldizia o deus de mãos nefandas / Que, transgredindo a igualitária regra / Da Natureza, atira a raça negra / Ao conturbérnio diário das quitandas!).

Também é denunciada a miséria das pessoas que chegam a morrer de fome (Quanta gente, roubada à humana coorte, / Morre de fome, sobre a palha espessa, / Sem ter, como Ugolino, uma cabeça / Que possa mastigar na hora da morte) e cujas famílias não têm dinheiro sequer para comprar uma veste para os cadáveres (E nua, após baixar ao caos budista, / Vem para aqui, nos braços de um canalha, / Porque o madapolão para a mortalha / Custa 1 \$ 200 ao lojista!).

A poética científica estabeleceu que não haveria mais assuntos poéticos pré-determinados e nem elementos proibidos à poesia: a nova percepção poética se estenderia "por toda a área da emocionalidade humana, abrangendo tudo" (grifo nosso, MARTINS JÚNIOR, 1883, p. 43). Ela poderia abarcar igualmente "todos os assuntos, grandes ou pequenos" (ROMERO, 1878, p.XX), poderia tratar de qualquer matéria, alargando o espaço reservado ao poético:

desde a lei astronômica da atração até o evolucionismo biológico e social, desde as generalizações da filosofia até os fatos particulares do amor, da dedicação, da coragem, do civismo, da paz, da família, da felicidade, da miséria, do crime, do patriotismo; desde a luta pela vida nos vegetais e nos animais até o conforto doce de um ménage alegre e honesto (MARTINS JÚNIOR, 1883, p.43).

A racionalidade científica, que analisa e compreende o mundo fenomênico sem julgamentos morais ou qualitativos, motivaria a relativização dos assuntos poéticos: nada mais seria poético ou a-poético em si mesmo, de forma absoluta e universal, mas tudo que fosse real encontraria seu espaço na poesia. Daí não podermos falar em estética do feio ou do belo com relação à poética científica, que optou por uma estética do real; a beleza ou a feiúra, que aliás são conceitos subjetivos, não eram avaliadas, mas o parâmetro de apreciação tornou-se: real/irreal; exterior/interior; concreto/abstrato; positivo/metafísico ou religioso. Essa abertura temática é perceptível na poesia de Augusto dos Anjos, que inclui assuntos grandiosos, ínfimos, reles e cotidianos, qualquer tipo de emoção humana, retratando o mundo da experiência, poeticamente, através de uma visão científica.

CONCLUSÃO

Enfim, pudemos perceber na poesia de Augusto dos Anjos, ainda que de forma breve, a utilização de noções científicas e a conexão com as idéias filosóficas da época

positivista, conforme a poética científica: a recusa do sobrenatural e do transcendente; a opção pela doutrina monista; a extrema valorização do mundo concreto, fenomênico, material, não-teleológico, que pode ser analisado cientificamente e racionalmente; a concepção da materialidade da vida e da morte, não havendo uma vida espiritual post mortem; a aceitação de que o homem é parte da natureza, havendo a quebra do antropocentrismo. Tal percepção positivista de mundo motiva, por sua vez, uma atitude realista no sentido de haver, no processo de mimesis poética anunciado pela poética científica, uma fidelidade com relação à visão científica do mundo concreto, à visão materialista da vida. Como a poética científica indica ser lírica a poesia, há também em Augusto dos Anjos a expressão dos sentimentos provocados por essas idéias, da subjetividade do eu-lírico, que utiliza a imaginação para pintar seu interior perturbado, seus delírios, cismas e divagações supra-realistas. A conexão com o contexto histórico, defendida pela poética científica, surge na poesia de Augusto dos Anjos através das críticas sociais. E a possibilidade de fazer poesia a partir de qualquer assunto corresponde à abertura temática operada pela poética científica. Afinal, a poesia de Augusto dos Anjos põe em prática, de acordo com a nossa análise, essa proposta estética que constituiu um meio legítimo de representação da nova mentalidade racionalista, relativista, materialista, naturalista, anti-metafísica e anti-teológica surgida a partir de meados do século XIX.

NOTAS:

(1) A poesia filosófico-científica é resumidamente chamada de poesia científica por Martins Júnior (1883), já que no século XIX houve um estreito entrelaçamento entre idéias filosóficas e científicas, tendo essas adquirido significado filosófico. Assim, chamar essa poesia de científica seria suficiente, ficando seu lado filosófico implícito. Neste artigo também optamos pela nomenclatura resumida.

(2) Há uma variedade de tradições culturais que informam o desenvolvimento do positivismo em diversos países. Na França, onde o positivismo inseriu-se na tradição racionalista que vai de Descartes ao Iluminismo, temos Comte, iniciador do positivismo e pai da sociologia. Na Inglaterra, firmando-se na tradição empirista e utilitarista, temos o positivismo de Stuart Mill e, entrelaçando-se com a teoria darwiniana da evolução, o positivismo de Herbert Spencer. Na Alemanha, assumindo a forma de cientificismo e de monismo materialista, encontramos o positivismo de Jakob Moleschot, Karl Vogt, Ludwig Buchner e Ernst Haeckel.

(3) A refutação da metafísica e do espiritualismo pode ser observada também nos poemas *Natureza Íntima* e *O Último Número* e, a partir de críticas ao cristianismo, nos poemas *O Deus-Verme* e *O Último Credo*.

(4) Aeropago: qualquer tribunal ou assembléia que se aprecie pela retidão dos julgamentos.

(5) Segundo Haeckel, cenóbios são, na teoria da evolução, as uniões sociais que mais tarde produzirão os seres pluricelulares.

(6) Divisão dos símios a qual pertencem os macacos do antigo continente que possuem o septo nasal espesso.

(7) Haeckel considerava a monera o tipo mais primitivo de ser vivo, tendo surgido a partir dela a primeira célula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ANJOS, Augusto dos. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- CANDIDO, Antonio (seleção e apresentação). Sílvia Romero: teoria, crítica e história literária. SP: Edusp, 1978.
- COMTE, Auguste. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Distribuidora de Livros Escolares, 1972.
- HAECKEL, Ernst. O monismo. Porto: Livraria Chardon, 1908. Disponível em: <<http://www.bdpfilosofia.pop.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2006.
- LIMA, Rocha. Crítica e literatura. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968.
- LINS, Ivan. História do positivismo no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- MARTINS JÚNIOR, Izidoro. A poesia científica. Recife: Typs. Industrial e da Folha do Norte, 1883.
- PAIM, Antonio. A filosofia da Escola do Recife. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1966.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia. Vol. III. São Paulo: Paulus, 1991.
- ROMERO, Sílvia. Cantos do fim do século. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense, 1878.